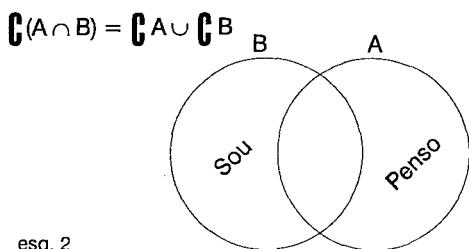


coberta freudiana; isto é, se a psicanálise tem alguma relação com a *démarche* cartesiana, é para subvertê-la, uma vez que, para a psicanálise, não há sujeito transparente para si mesmo, e ser e sujeito são disjuntos. Para a psicanálise, “pensar” e “ser” não são a mesma coisa. O que está em questão é antes a negação de sua coincidência.

De fato, designando por A e B os dois círculos do “penso” e do “sou” e aplicando as fórmulas de Morgan, temos:



esq. 2

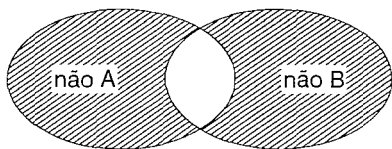
O complementar da interseção dos dois Conjuntos A e B é igual à reunião de seus complementares, ou ainda, empregando a barra da negação:

$$\overline{A \cap B} = \overline{A} \cup \overline{B}$$

(ver apêndice: Teoria dos Conjuntos)

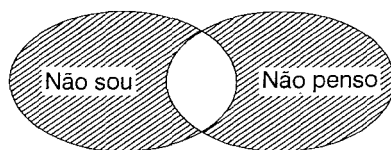
A negação dessa coincidência é pois equivalente a: “Não penso ou não sou”, fórmula sobre a qual Lacan funda sua lógica da fantasia. Os dois complementares \overline{A} e \overline{B} estando disjuntos, temos: $\overline{A} \cap \overline{B} = \emptyset$ (conjunto vazio).

Isso mostra que as formações do inconsciente não comportam um sujeito capaz de acompanhar suas representações e se assegurar da continuidade de seu ser.



esq. 3

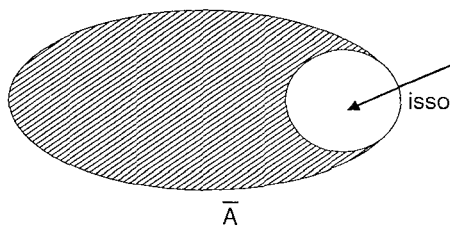
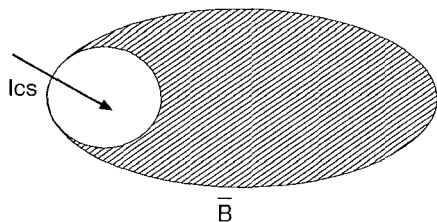
O esquema 4a mostra que a escolha de um “não penso” não implica, como se poderia esperar, a emergência de um “sou”, mas de um “isso”. Assim também, a escolha do



esq. 4

$$\overline{A} \cap \overline{B} = \emptyset$$

“não sou” faz surgir não um “penso”, mas uma representação das coisas em que o funcionamento literal marcado pelo selo do não-senso é devido não à afirmação de um sujeito mas à exclusão de um significante. Em outras palavras, o “sou” que essa negação implica é um “não penso”. Mas ela comporta também uma outra via, a de um “não sou” (B), onde habita o pensamento inconsciente. Trata-se, para Lacan, de conjugar o que, em Freud, permaneceu separado, a saber, os dois termos isso e inconsciente, e de mostrar de que modo e em que medida o objeto libidinal pode ser deduzido do não-senso do significante. Daí a necessidade de compor aquilo que situa, por um lado, o significante na operação alienante e, por outro, o objeto *a* na operação dita de separação.

 \overline{A} 

esq. 4b

 \overline{B}

A esta altura, devemos nos voltar para o que é o ponto de partida para a psicanálise, isto é, a linguagem, e a linguagem considerada a partir da cadeia significante reduzida ao mínimo: $S_1 \rightarrow S_2$; essa matriz parece pro-

atestado, em particular, pela contribuição de Abraham, obtida da análise da melancolia, assim como a de Bleuler o fora à da esquizofrenia. De fato, situando-se numa perspectiva genética, aberta pela afecção melancólica, porque esta lhe pareceu estar marcada pelo selo da oralidade, Abraham tentou apresentar a ambivalência como característica desse momento da organização libidinal em que a devoração agressiva do objeto se revela originariamente associada ao investimento do mesmo. Desse modo, não se consegue estender a esse novo campo de investigação os primeiros traços que o conceito havia recebido da análise da esquizofrenia.

Na verdade, foi de uma construção metapsicológica do conceito de pulsão que Freud começou a tirar partido no artigo “As pulsões e suas vicissitudes”, para introduzir a elaboração de um conceito cujo valor operatório se revelaria mais tarde.

“A história do amor em seu surgimento e suas relações nos faz compreender por que ele se apresenta tantas vezes como ambivalente, isto é, acompanhado de moções de ódio que visam o mesmo objeto. O ódio misturado ao amor provém em parte dos estádios preliminares do amor, incompletamente superados, e em parte se funda em reações de recusa por parte das pulsões do eu, reações que, nos freqüentes conflitos entre os interesses do eu e os do amor, podem fazer apelo a motivos reais e atuais. Assim, nos dois casos, esse elemento de ódio encontra sua fonte nas pulsões de conservação do eu. Quando a relação de amor por determinado objeto é rompida, não é raro que o ódio a substitua: temos então a impressão de ver o amor se transformar em ódio. Mas superaremos essa descrição se concebermos que, nesse caso, o ódio, motivado pela realidade, é reforçado pela regressão do amor ao estágio sádico preliminar, de modo que o ódio adquire um caráter erótico e que a continuidade de uma relação de amor é garantida.”

A noção de pulsão de morte trouxe a essas concepções um duplo aprofundamento: por um lado, a mútua interferência do amor e do ódio se apresenta como a expressão do intrincamento de dois tipos de pulsões (quarta parte do artigo sobre “O eu e o isso”, sob o

subtítulo “As duas variedades de pulsões”). “O exame analítico do processo que constitui a transformação paranóica nos sugere a possibilidade de um ato mecânico. Trata-se em especial de uma atitude já de início ambivalente; quanto à transformação, ela se efetuará graças a um deslocamento reativo da carga energética, certa quantidade de energia sendo subtraída às tendências eróticas e acrescentada às tendências hostis.”

Por outro lado, a energia assim deslocada se encontrará devolvida à sua fonte. “A hipótese de uma transformação direta se revela inútil, visto que semelhante transformação seria incompatível com as diferenças qualitativas que existem entre as duas variedades de pulsões. Considerando-se a possibilidade de um outro mecanismo de transformação do amor em ódio, havíamos admitido tacitamente uma hipótese que devemos agora explicitar. Em particular, havíamos suposto na vida psíquica (no eu ou no isso, pouco importa) uma energia suscetível de deslocamento e em si mesma indiferente, que pode se somar a uma tendência erótica ou destrutiva qualitativamente diferenciada e aumentar a carga energética total desta. Sem essa hipótese de uma energia suscetível de deslocamento, nossa explicação carece de base.”

► EU: LIBIDO.

P. KAUFMANN

AMNÉSIA

Na sua dependência para com a teoria traumática do recalçamento histórico, a amnésia assumiu inicialmente valor de sintoma. No entanto, como o atesta a carta a Fliess de 6 de dezembro de 1890, ela adquiriu o valor de uma categoria operatória essencial para a economia de conjunto do pensamento freudiano, com a emergência de uma nova noção da memória fundada no registro dos traços mnêmicos. Desse ponto de vista, o fenômeno da amnésia aparece de fato como o corolário da incapacidade de um traço registrado numa camada do psiquismo se ver transportado para uma outra camada. A persistência desse modelo através das vicissitudes do de-